

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Dangerous Fortune*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 1993 by Ken Follett

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *João Martins*

Ken Follett logo design: *Daren Cook*

Imagens da capa: *Lee Avison - Trevillion Images e Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras / Editorial Presença*

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 388 027/15

1.ª edição, Lisboa, março, 2015

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO



1866

[I]

No dia da tragédia, os rapazes de Windfield School tinham sido fechados nos quartos.

Era um sábado quente de maio, e normalmente teriam passado a tarde no campo sul, uns a jogar críquete e outros a assistir, na orla sombria de Bishop's Wood. Mas fora cometido um crime. Tinham sido roubadas seis libras de ouro da secretária do Dr. Offerton, o professor de latim, e o colégio inteiro estava sob suspeita. Era preciso que todos os rapazes permanecessem dentro de portas até ser apanhado o ladrão.

Micky Miranda estava sentado a uma mesa marcada pelas iniciais de gerações de estudantes enfadados. Na mão tinha uma publicação do governo intitulada *Equipamento de Infantaria*. As gravuras de espadas, mosquetes e espingardas costumavam fasciná-lo, mas tinha demasiado calor para se concentrar. Do outro lado da mesa, o seu camarada de quarto, Edward Pilaster, ergueu os olhos de um livro de exercícios de latim. Copiava a tradução feita por Micky de uma página de Plutarco; estendeu um dedo sujo de tinta e disse:

— Não consigo ler esta palavra.

Micky olhou.

— «Decapitar» — disse. — É a mesma palavra em latim: *decapitare*. — Micky achava o latim fácil, talvez por muitas palavras serem semelhantes em espanhol, a sua língua materna.

O aparo de Edward recomeçou a arranhar a folha. Micky pôs-se de pé irrequieto e foi até à janela aberta. Não soprava uma brisa. Deitou um olhar cobiçoso, por sobre o pátio da cavalaria, na direção dos bosques. Havia uma antiga pedreira inundada, à sombra, no extremo norte de Bishop's Wood. A água era fresca e funda...

— Embora nadar — disse de repente.

— Não podemos — respondeu Edward.

— Podíamos ir pela sinagoga. — A «sinagoga» era o quarto contíguo, partilhado por três rapazes judeus. Em Windfield School falava-se de Deus com um toque de brandura e o colégio era tolerante com as diferenças religiosas, o que o tornava cativante para os pais judeus, para a família, metodista, de Edward, e para o pai, católico, de Micky. Porém, apesar da atitude oficial do colégio, os rapazes judeus deviam contar com uma certa dose de perseguição. Micky prosseguiu: — Podemos sair pela janela deles e saltar para o telhado da casa das lavagens, descer pelo outro lado da cavalaria e ir de fininho até ao bosque.

Edward fez um ar assustado.

— Se nos apanham, temos Chibata.

A Chibata era a vara de freixo que empunhava o diretor, o Dr. Poleson. O castigo por infringir a detenção eram doze vergastadas lancinantes. Micky já fora punido uma vez pelo Dr. Poleson, por jogar a dinheiro, e ainda estremecia ao pensar nisso. Mas a probabilidade de serem apanhados era remota, e a ideia de se despirem e se enfiarem todos nus na lagoa era tão premente que ele quase conseguia sentir a água fresca na pele suada.

Olhou para o camarada de quarto. Edward não gozava de grande popularidade no colégio: era preguiçoso de mais para ser bom aluno, desajeitado de mais para ter êxito nos desportos, e egoísta de mais para fazer muitas amizades. Micky era o seu único amigo, e ele detestava que se desse com outros rapazes.

— Vou ver se o Pilkington quer ir — disse Micky, e encaminhou-se para a porta.

— Não, não vás — deteve-o Edward ansiosamente.

— Não vejo porquê — disse Micky. — Tu tens medo.

— Não tenho medo — retorqui Edward pouco convincente. — Tenho é de acabar o latim.

— Então acaba, enquanto eu vou nadar com o Pilkington.

Edward mostrou-se inflexível, por um instante, depois cedeu.

— Está bem, eu vou — disse com relutância.

Micky abriu a porta. Do resto do edifício vinha um rumor surdo, mas não se viam professores no corredor. Precipitou-se para o quarto ao lado. Edward seguiu-o.

— Olá, hebreus — disse Micky.

Dois dos rapazes jogavam às cartas numa mesa. Olharam-no de relance e continuaram o jogo sem falar. O terceiro, Fatty Greenbourne¹, comia um bolo. A mãe estava sempre a mandar-lhe comida.

— Olá, rapazes — cumprimentou amigavelmente. — Querem um bocado?

— Valha-me Deus, Greenbourne, tu comes que nem um porco — disse Micky.

Fatty encolheu os ombros e continuou a comer o bolo com vontade. Tinha de suportar um bom quinhão de troça, por ser gordo além de judeu, mas nada disso parecia beliscá-lo. Dizia-se que o pai dele era o homem mais rico do mundo, e talvez essa condição o tornasse invulnerável a nomes feios, pensava Micky.

Micky dirigiu-se à janela, abriu-a e olhou em redor. O pátio da cavalaria estava deserto. Fatty perguntou:

— O que é que estão a fazer?

— Vamos dar um mergulho — disse Micky.

— Vão apanhar.

Edward retorqui num lamento:

— Eu sei.

Micky sentou-se no parapeito, rodou sobre a barriga, deixou-se escorregar e depois soltou-se, num voo de curtas plegadas, sobre o telhado oblíquo da casa das lavagens. Pareceu-lhe ouvir partir-se uma telha, mas o telhado aguentou o peso. Num relance, viu Edward olhar para fora apreensivo.

¹ Greenbourne, *o Bucha*. (NT)

— Anda lá! — disse. Rastejou até ao beiral e agarrou-se a um cano de escoamento providencial para descer. Passado um minuto, Edward aterrava junto dele.

Micky espreitou à esquina da casa das lavagens. Não estava ninguém à vista. Sem hesitar, atravessou o pátio num ápice e embrenhou-se no bosque. Correu por entre as árvores até lhe parecer que já não estaria visível do colégio, e então parou a descansar. Edward apareceu ao seu lado.

— Conseguimos! — disse. — Ninguém nos viu.

— Provavelmente apanham-nos na volta — disse Edward taciturno.

Micky sorriu-lhe. Edward tinha um ar muito inglês, de cabelo claro e liso, olhos azuis e um nariz grande como uma faca de lâmina larga. Era um rapaz alto, encorpado de ombros, forte mas descoordenado. Não tinha a menor noção de estilo e vestia-se desajeitadamente. Tinham os dois a mesma idade, dezasseis anos, mas eram muito diferentes noutros aspetos: Micky tinha cabelo escuro encaracolado e olhos também escuros, e era metucioso com a sua aparência, detestando apresentar-se sujo ou em desalinho.

— Confia em mim, Pilaster — disse Micky. — Não cuido sempre bem de ti?

Edward sorriu, mais tranquilo.

Seguiram um trilho mal perceptível pelo meio do bosque. Sob as folhas das faias e olmos estava um pouco mais fresco, e Micky começou a sentir-se melhor.

— O que vais fazer este verão? — perguntou a Edward.

— Costumamos ir para a Escócia em agosto.

— A tua família tem lá algum pavilhão de caça? — Micky captara a gíria das classes abastadas inglesas, e sabia que «pavilhão de caça» era o termo certo mesmo que o edifício em questão fosse um castelo de cinquenta quartos.

— Alugamos uma casa — respondeu Edward. — Mas não vamos caçar. O meu pai não é caçador, sabes...

Micky detetou um tom defensivo na voz de Edward e ponderou o seu significado. Sabia que a aristocracia inglesa gostava da caça às aves em agosto e das batidas à raposa o inverno inteiro. Também

sabia que os aristocratas não mandavam os filhos para aquele colégio. Os pais dos rapazes de Windfield eram comerciantes e engenheiros e não condes e bispos, e tais homens não tinham tempo a perder em caçadas. Os Pilaster eram banqueiros e, quando dizia «O meu pai não é caçador», Edward estava a reconhecer que a sua família não pertencia à fina flor da sociedade.

Para Micky, era divertido que os ingleses respeitassem mais os ociosos do que as pessoas que trabalhavam. Na terra dele, o respeito não era concedido nem a nobres improdutivos nem a esforçados homens de negócios. Os compatriotas de Micky só respeitavam o poder. Se um homem tivesse poder para controlar os outros — dar-lhes comida ou fome, prisão ou liberdade, morte ou vida —, de que mais precisava?

— E tu? — perguntou Edward. — Como vais passar o verão? Era o que Micky queria que ele perguntasse.

— Aqui — respondeu. — No colégio.

— Não vais passar cá outra vez as férias inteiras, pois não?

— Tem de ser. Não posso ir a casa. São seis semanas só para a ida. Teria de voltar antes de ter chegado.

— Coitado de ti, caramba!

Na verdade, Micky não tinha o menor desejo de lá ir. Abominava a casa, e era assim desde a morte da mãe. Agora só lá havia homens: o pai, o irmão mais velho, Paulo, uns tios e uns primos, e quatrocentos gaúchos. O *Papá* era um herói para os homens e um estranho para Micky: frio, inacessível, impaciente. Porém, o verdadeiro problema era o irmão de Micky. Paulo era estúpido mas forte. Odiava Micky por ser mais esperto, e gostava de o humilhar. Nunca perdia uma oportunidade de provar a todos que Micky não era capaz de lançar novilhos, domar cavalos ou matar cobras com um tiro na cabeça. A sua brincadeira predileta era assustar o cavalo do irmão mais novo para o animal desembestar e Micky ter de fechar os olhos com força e se firmar, morto de medo, enquanto o cavalo corria sem freio pela pampa até parar de exaustão. Não, Micky não queria ir a casa nas férias. Mas também não queria ficar no colégio. O que realmente queria era ser convidado a passar o verão com a família Pilaster.

Edward, no entanto, não fez logo essa proposta, e Micky deixou morrer o assunto. Tinha a certeza de que tornaria a surgir.

Galgaram uma vedação de estacas deteriorada e subiram uma pequena elevação. Na subida depararam com a pedreira. As paredes escavadas eram a pique, mas rapazes ágeis conseguiam arranjar maneira de as descer. Lá em baixo, havia uma lagoa de águas verdes e escuras que continham sapos, rãs e uma ou outra cobra-d'água.

Para surpresa de Micky, também lá estavam três rapazes.

Semicerrou os olhos contra o brilho do sol refletido na superfície e fixou os vultos nus. Andavam os três no segundo ano de Windfield.

A trunfa cor de cenoura pertencia a Antonio Silva, que, apesar da cor do cabelo, era compatriota de Micky. O pai de Tonio não possuía tantas terras como o de Micky, mas os Silva viviam na capital e tinham amigos influentes. Tal como Micky, Tonio não podia ir a casa nas férias, mas beneficiava da sorte de ter amigos na Legação cordovesa em Londres, pelo que não se via obrigado a passar o verão todo no colégio.

O segundo rapaz era Hugh Pilaster, um primo de Edward. Não havia parecenças entre os primos: Hugh tinha cabelo preto e traços miúdos e finos, e costumava arvorar um sorriso traquinas. Edward tinha contra Hugh o facto de este ser bom aluno e de o fazer passar pelo burro da família.

O outro era Peter Middleton, um rapaz bastante tímido que se apegava a um Hugh mais confiante. Os três tinham corpos brancos e sem pelos de jovens de treze anos, com braços e pernas esguios.

Micky avistou então um quarto rapaz. Nadava sozinho no extremo oposto da lagoa. Era mais velho que os outros três e não parecia estar com eles. Micky não conseguiu ver-lhe bem a cara para o identificar.

Edward sorria com malícia. Vira ocasião para uma diabrura. Levou o dedo aos lábios a pedir silêncio e começou a descer a parede da pedreira. Micky seguiu-o.

Chegaram à saliência onde os mais novos tinham deixado as roupas. Tonio e Hugh mergulhavam lá em baixo, a investigar qualquer coisa, enquanto Peter nadava tranquilamente, de um lado para o outro, sozinho. Foi o primeiro a avistar os recém-chegados.

— Oh, não — disse.

— Ora vejam só — disse Edward. — A sair sem autorização, rapazes?

Foi então que Hugh Pilaster viu o primo e lhe gritou:

— Também vocês!

— É melhor voltarem, antes que vos apanhem — disse Edward. Pegou num par de calças que estava no chão. — Mas não molhem a roupa, senão toda a gente vai perceber onde estiveram. — Atirou então as calças para o meio da lagoa e riu à gargalhada.

— Patife! — gritou Peter, tentando alcançar as calças, que fluuavam.

Micky sorria, divertido.

Edward pegou numa bota e atirou-a para a água.

Os mais novos começaram a entrar em pânico. Edward pegou noutro par de calças e atirou-o. Era cómico ver as três vítimas berrear e mergulhar em busca das roupas, e Micky desatou a rir.

Como Edward continuasse a atirar botas e peças de roupa para dentro de água, Hugh Pilaster trepou para a margem. Micky pensou que fosse fugir, mas, inesperadamente, correu direito a Edward. Sem lhe dar tempo para se voltar, Hugh deu-lhe um valente empurrão. Embora Edward fosse muito maior, desequilibrou-se. Cambaleou sobre o rebordo e despenhou-se na lagoa com tremendo espalhafato.

Tudo se passara num piscar de olhos, e logo Hugh agarrou num braçado de roupas e escalou a parede da pedreira como um macaco. Peter e Tonio soltavam grandes gargalhadas zombeteiras.

Micky ainda começou a perseguir Hugh, mas percebeu que não conseguiria alcançar aquele rapaz mais pequeno e mais ligeiro. Virando-se para trás, olhou para ver se Edward estaria bem. Não precisava de se ter preocupado. Edward voltara à tona. Agarrara Peter Middleton e pusera-se a mergulhar a cabeça do rapaz uma e outra vez, castigando-o pelo seu risista.

Tonio afastou-se a nadar e atingiu a margem, com uma trouxa de roupas encharcadas na mão. Voltou-se para olhar para trás.

— Deixa-o em paz, macacão! — gritou a Edward. Tonio sempre fora destemido e Micky perguntou-se o que ele iria fazer a seguir.

Tonio afastou-se mais ao longo da margem, depois voltou com uma pedra na mão. Micky gritou a avisar Edward, mas era tarde. Tonio atirou a pedra com uma pontaria surpreendente e acertou na cabeça de Edward. No sobrolho apareceu-lhe um rasto vivo de sangue.

Edward soltou um urro de dor e, largando Peter, disparou pela lagoa atrás de Tonio.

{II}

Hugh corria todo nu através do bosque na direção do colégio, agarrando o que restava das suas roupas, tentando ignorar as dores nos pés descalços sobre as asperezas do chão. Chegado a um ponto onde o trilho cruzava outro, virou abruptamente para a esquerda, correu mais um pouco, depois mergulhou nos arbustos e ficou escondido.

Esperou então, tentando acalmar o fôlego e pôr-se à escuta. Edward, seu primo, e o amigalhaço dele, Micky Miranda, eram as piores cavalgadas do colégio: calaceiros, maus camaradas e uns rufias. A única coisa a fazer era guardar distância. Mas Hugh tinha a certeza de que Edward iria atrás dele. Edward sempre o detestara.

Também os pais dos dois se tinham zangado. O pai de Hugh, Toby, retirara o seu dinheiro dos negócios da família para fundar a sua própria empresa, de compra e venda de corantes para a indústria têxtil. Com apenas treze anos, Hugh sabia que o crime mais grave na família Pilaster era levantar os capitais próprios do banco. O pai de Edward, Joseph, nunca perdoara o irmão Toby.

Hugh pensava no que teria acontecido aos amigos. Na pedreira, antes de Micky e Edward chegarem, eles eram quatro: Tonio, Peter e Hugh andavam a chapinhar num dos lados da lagoa, e um rapaz mais velho, Albert Cammel, nadava sozinho no extremo oposto.

Tonio era habitualmente corajoso a roçar a irreflexão, mas Micky Miranda aterrorizava-o. Vinham ambos do mesmo lugar, um país sul-americano chamado Córdova, e Tonio dizia que a família de Micky era poderosa e cruel. Hugh não percebia verdadeiramente o que aquilo significava, mas o efeito era óbvio:

Tonio podia ser descarado com os outros rapazes do quinto ano, mas mostrava-se sempre educado, e até subserviente, com Micky.

Peter estaria decerto a morrer de medo: assustava-se com a própria sombra. Hugh esperava que tivesse conseguido fugir aos rufias.

Albert Cammel, conhecido como *Bossas*, não estava com Hugh e os seus amigos, e deixara as roupas num sítio diferente, pelo que provavelmente teria escapado.

Também Hugh escapara, mas ainda não estava livre de sarilhos. Perdera a roupa interior, as peúgas e as botas. Teria de entrar no colégio às escondidas com as calças e a camisa encharcadas, e rezar para não ser visto por um professor ou por algum dos rapazes mais velhos. Gemeu alto ao pensar nisso. Porque será que estas coisas me acontecem sempre a mim?, perguntava-se muito infeliz.

Desde que fora para Windfield, dezoito meses antes, que não parara de se meter em sarilhos. Com os estudos não havia problema: trabalhava muito e tirava as melhores notas da turma em todos os exames. Mas as pequenas normas irritavam-no para além do razoável. Tendo ordens para se deitar às dez menos um quarto, encontrava sempre algum motivo incontornável para ficar a pé até às dez e um quarto. Os lugares proibidos suscitavam-lhe um desejo torturante, e sentia-se irresistivelmente tentado a explorar o jardim da reitoria, o pomar do diretor, a cave do carvão e a adega da cerveja. Corria quando o adequado seria andar, lia quando devia dormir, e falava durante as orações. E acabava sempre assim, roído pela culpa e pelo medo, a perguntar-se como fora cair em semelhante aflição.

Por vários minutos, o bosque esteve em silêncio, enquanto Hugh refletia lugubremente sobre o seu destino, perguntando-se se viria a ser um proscrito da sociedade, ou mesmo um criminoso, atirado para uma cela, ou deportado para a Austrália com grilhões, ou enforcado.

Acabou por concluir que Edward não fora atrás dele. Levantou-se e vestiu as calças e a camisa molhadas. Ouviu então alguém chorar.

Com cuidado, espreitou — e viu a grenha ruiva de Tonio. O amigo vinha lentamente pelo trilho, nu, molhado, com as roupas na mão e a soluçar.

— O que foi? — perguntou Hugh. — O Peter?

Tonio tornou-se um bicho de repente.

— Não conto, não hei de contar, nunca! — disse. — Eles matam-me.

— Está bem, não contes — respondeu Hugh. Como sempre, Tonio tinha pavor de Micky: o que quer que tivesse acontecido, guardá-lo-ia para si. — É melhor vestires-te — disse Hugh, com sentido prático.

Tonio olhou, sem ver, a trouxa ensopada que trazia nos braços. O choque parecia demasiado grande para ele conseguir distinguir as peças de roupa. Pegou Hugh nelas. Tinha botas, calças e uma peúga, mas não tinha camisa. Hugh ajudou-o a vestir o que havia, depois encaminharam-se para o colégio.

Tonio parou de chorar, embora ainda parecesse muito abalado. Hugh esperava que aqueles rufias não tivessem feito nada de muito mau a Peter. Naquele momento, porém, tinha de salvar a própria pele.

— Se conseguirmos chegar ao dormitório, podemos vestir roupa seca e calçar as botas de reserva — disse, antecipando os passos a dar. — Depois, assim que acabar a proibição de sair, podemos ir à vila comprar roupa nova a crédito no Baxted's.

Tonio anuiu com a cabeça.

— Está bem — disse inexpressivamente.

Enquanto ziguezagueavam entre as árvores, Hugh perguntou-se novamente porque estaria Tonio tão perturbado. Afinal de contas, perseguições e intimidação não eram nada de novo em Windfield. O que se teria passado lá atrás, na lagoa, depois de Hugh ter fugido? Ao longo de todo o caminho, Tonio não voltou a falar no assunto.

O colégio era composto por seis edifícios que outrora tinham formado o coração de uma vasta herdade, e o dormitório dos dois situava-se na antiga vacaria, perto da capela. Para lá chegar, tinham de transpor um muro e atravessar o pátio dos mais velhos. Trepavam o muro e espreitaram para o outro lado. O pátio estava deserto, como Hugh esperava, mas, mesmo assim, ele hesitou. A ideia da Chibata a vergastar-lhe o traseiro fazia-o encolher-se. Mas não havia alternativa. Tinha de voltar para o colégio e vestir roupa seca.

— Caminho livre — bichanou. — Embora!

Saltaram juntos o muro e atravessaram o pátio a correr, até à sombra fresca da capela de pedra. Até aí, tudo bem. Depois, contornaram a esquina a leste, cosendo-se com a parede. Seguia-se uma breve corrida para cruzar a estrada de acesso e entrar no edifício do dormitório. Hugh fez uma pausa. Ninguém à vista.

— Agora! — disse.

Largaram os dois a correr para o outro lado da estrada. Então, ao chegarem à porta, sobreveio o desastre. Uma voz conhecida, autoritária, fez-se ouvir:

— Pilaster *Minor!* É o senhor? — E Hugh percebeu que a partida estava perdida.

O seu coração deu um salto. O rapaz estacou e voltou-se. O Dr. Offerton escolhera aquele preciso instante para sair da capela, e achava-se agora à sombra do alpendre, figura alta, dispéptica, de capa académica e capelo. O Dr. Offerton, cujo dinheiro fora roubado, era provavelmente, de todos os professores, o menos inclinado a mostrar clemência. Iam ter Chibata. Contraíram-se-lhe involuntariamente os músculos do rabo.

— Venha cá, Pilaster — disse o Dr. Offerton.

Hugh arrastou-se até junto dele, seguido por Tonio. Porque é que eu corro estes riscos?, pensava Hugh desesperado.

— Gabinete do diretor, imediatamente — disse o Dr. Offerton.

— Sim, senhor — respondeu Hugh muito infeliz. A situação estava cada vez pior. Quando o diretor visse em que trajos se apresentava, expulsá-lo-ia certamente do colégio. Como iria explicar à mãe?

— Vamos lá! — disse o professor impaciente.

Os dois rapazes puseram-se a caminho, mas o Dr. Offerton disse:

— O senhor não, Silva.

Hugh e Tonio trocaram um breve olhar baralhado. Porque iriam castigar Hugh e não Tonio? Mas não podiam questionar as ordens, e Tonio fugiu para o dormitório enquanto Hugh se dirigia para a casa do diretor.

Já sentia a Chibata. Sabia que ia chorar, o que era ainda pior que a dor, pois achava que, com treze anos, já não tinha idade para chorar.

A casa do diretor ficava no extremo oposto do recinto escolar, e Hugh caminhava com grande lentidão, mas, mesmo assim, chegou muito antes do que queria, e a criada abriu-lhe a porta um segundo depois de ele bater.

O Dr. Poleson estava no vestíbulo. Era um homem calvo com cara de buldogue, mas, por alguma razão, não parecia tão ameaçadoramente zangado como seria de esperar. Em vez de querer saber porque estava Hugh fora do quarto e a pingar da cabeça aos pés, limitou-se a abrir a porta do gabinete e a dizer baixinho:

— Para aqui, jovem Pilaster. — Sem dúvida que poupava a raiva para as vergastadas. Hugh entrou com o coração a martelar.

Ficou perplexo ao ver a mãe sentada lá dentro.

Pior, a mãe estava a chorar.

— Fui só tomar banho! — disse Hugh de um fôlego.

A porta fechou-se atrás dele e Hugh deu-se conta de que o diretor não entrara.

Começou então a compreender que aquilo nada tinha que ver com a fuga do quarto ou os banhos na lagoa, com a perda das roupas ou a seminudez em que se apresentava.

Teve a intuição medonha de que era muito pior.

— O que foi, mãe? — perguntou. — Porque é que veio?

— Oh, Hugh — soluçou a mãe —, o teu pai morreu.

[III]

Sábado era o melhor dia da semana para Maisie Robinson. Ao sábado, o pai recebia o salário. À noite, ia haver carne para o jantar, e pão fresco. Sentou-se na soleira com o irmão, Danny, à espera de que o pai voltasse do trabalho. Danny tinha treze anos, mais dois que a irmã, e Maisie achava-o formidável, embora nem sempre fosse simpático com ela.

A casa fazia parte de uma fileira de habitações húmidas e mal arejadas do bairro portuário de uma pequena cidade do Nordeste de Inglaterra. Pertencia a Mrs. MacNeil, uma viúva. A senhoria ocupava o quarto da frente no piso térreo. Os Robinson viviam no

quarto das traseiras e uma outra família no piso de cima. Quando eram horas de o pai chegar a casa, Mrs. MacNeil punha-se à entrada, à espera para receber a renda.

Maisie tinha fome. Na véspera, pedira uns ossos partidos no talho e o pai comprara um nabo e fizera um guisado, e fora essa a sua última refeição. Mas hoje era sábado!

Fez por não pensar no jantar, porque isso piorava as dores de barriga. Para se distrair do assunto, disse a Danny:

— Esta manhã o papá praguejou.

— O que é que ele disse?

— Disse que Mrs. MacNeil é uma *paskudniak*.

Danny riu-se. A palavra queria dizer «saco de estrume». As duas crianças falavam inglês fluentemente ao fim de um ano no novo país, mas não se tinham esquecido do seu iídiche.

O apelido da família não era realmente Robinson, era Rabino-wicz. Mrs. MacNeil odiava-os desde que descobrira que eram judeus. Nunca antes conhecera um judeu e, quando lhes alugara o quarto, julgava que eram franceses. Naquela cidade não havia outros judeus. Os Robinson não tinham planeado ali ficar: tinham pago a passagem para um sítio chamado Manchester, onde havia imensos judeus, e o capitão do navio dissera-lhes que Manchester era ali, mas enganara-os. Quando descobriram que estavam no lugar errado, o pai dissera que iriam poupar o suficiente para se mudarem para Manchester; mas então a mãe adoecera. Ela continuava doente, e eles continuavam ali.

O pai trabalhava no cais, nuns armazéns muito altos com as palavras «Tobias Pilaster and Co.» em grandes letras sobre o portão. Maisie perguntava-se muitas vezes quem seria esse Co. O pai trabalhava como fiel de armazém, fazendo o registo dos barris de corantes que entravam e saíam do edifício. Era um homem meticoloso, um tomador de notas e um fazedor de listas. A mãe era o oposto. Sempre fora a aventureira. Fora ela quem quisera ir para Inglaterra. Adorava dar festas, fazer excursões, conhecer pessoas, vestir-se bem e jogar. Por isso o pai gostava tanto dela, pensava Maisie: porque era como ele jamais seria.

Agora a mãe já não era uma pessoa animada. Passava o dia estendida no velho enxergão, a deixar-se adormecer e acordar, com

o rosto branco a luzir de suor e com um mau hálito quente. O médico tinha dito que ela precisava de ganhar forças, com muitos ovos e natas frescos, e bife todos os dias; e em seguida o pai tinha-lhe pago com o dinheiro que era para o jantar dessa noite. Agora Maisie sentia-se culpada sempre que comia, com a ideia de que era comida que poderia salvar a vida da mãe.

Maisie e Danny tinham aprendido a roubar. Em dia de mercado, iam ao centro da cidade e surripiavam batatas e maçãs das bancas da praça. Os vendedores estavam de olho atento, mas de vez em quando distraíam-se com qualquer coisa — uma discussão por causa do troco, uma luta de cães, um bêbado — e as crianças tiravam o que podiam. Quando a sorte soprava para o lado delas, aparecia algum miúdo rico da mesma idade; atacavam-no e roubavam-no. Esses miúdos muitas vezes traziam uma laranja ou um saco de rebuçados no bolso, bem como alguns trocos. Maisie tinha medo de ser apanhada porque sabia que a mãe ia ficar cheia de vergonha, mas também tinha fome.

Olhou e viu aproximarem-se uns homens em grupo. Perguntou-se quem seriam. Ainda era um pouco cedo para os trabalhadores do cais voltarem para casa. Vinham a conversar zangados, esbracejando e agitando os punhos. Quando chegaram mais perto, reconheceu Mr. Ross, que morava no andar de cima e trabalhava com o pai nos armazéns Pilaster. Porque não estaria a trabalhar? Teriam sido postos na rua? Mr. Ross parecia tão zangado que bem podia ser isso. Vinha muito vermelho e a praguejar, a falar de grandes bestas, de malditas sanguessugas e de sacanas mentirosos. Quando os homens chegaram diante da casa, Mr. Ross deixou-os bruscamente e entrou com passadas furiosas, e Maisie e Danny tiveram de se atirar para o lado para evitar as suas botas cardadas.

Quando Maisie tornou a olhar, viu o pai. Homem magro de barba negra e brandos olhos castanhos, seguia os outros a alguma distância, caminhando de cabeça baixa; tinha um ar tão abatido e desesperado que Maisie teve vontade de chorar.

— O que foi, papá? — perguntou. — Porque voltou tão cedo?

— Venham para dentro — disse o pai, tão baixo que ela mal o ouviu.

As duas crianças seguiram-no até ao fundo da casa. O pai ajoelhou-se junto do colchão e beijou os lábios da mãe. Ela acordou e sorriu-lhe. Ele não correspondeu.

— A empresa afundou-se — disse, em ídiche. — Toby Pilaster abriu falência.

Maisie não tinha a certeza do que aquilo significava, mas o tom de voz do pai indicava desgraça. Olhou para o irmão; ele encolheu os ombros. Também não compreendia.

— Mas porquê? — perguntou a mãe.

— Houve um *crash* financeiro — respondeu o pai. — Um banco importante de Londres faliu ontem.

A mãe franziu a testa, num esforço de concentração.

— Mas não estamos em Londres — disse. — O que é que Londres tem que ver connosco?

— Os pormenores não conheço.

— Então não tens trabalho?

— Nem trabalho nem salário.

— Mas hoje pagaram-vos.

O pai curvou a cabeça.

— Não, não nos pagaram.

Maisie tornou a olhar para Danny. Aquilo compreendiam. Não haver dinheiro queria dizer que não havia comida para nenhum deles. Danny parecia assustado. Maisie teve vontade de chorar.

— Têm de te pagar — murmurou a mãe. — Trabalhaste a semana inteira, têm de te pagar.

— Estão sem dinheiro — disse o pai. — Abrir falência é isso mesmo, é dever dinheiro às pessoas e não ter com que lhes pagar.

— Mas Mr. Pilaster é bom homem, foi o que sempre disseste.

— Toby Pilaster morreu. Enforcou-se ontem à noite, no escritório de Londres. Tinha um filho da idade do Danny.

— Mas como é que vamos dar de comer aos nossos filhos?

— Não sei — respondeu o pai e, para horror de Maisie, começou a chorar. — Desculpa, Sarah — disse, e as lágrimas corriam-lhe para a barba. — Trouxe-te para este lugar horrroso onde não

há judeus nem quem nos ajude. Não tenho dinheiro para pagar ao médico, nem para comprar remédios, nem para dar de comer aos nossos filhos. Traí a tua confiança. Desculpa, desculpa. — Inclinou-se para a frente e enterrou o rosto molhado no colo da mãe. Ela afagou-lhe o cabelo com a mão a tremer.

Maisie estava aterrada. O pai nunca chorava. Parecia ser o fim de qualquer esperança. Talvez fossem todos morrer.

Danny levantou-se, olhou para ela, e fez-lhe sinal com a cabeça na direção da porta. Maisie levantou-se igualmente e saíram juntos na ponta dos pés. Ela sentou-se na soleira e começou a chorar.

— O que é que vamos fazer? — perguntou.

— Vamos ter de fugir — respondeu Danny.

As palavras do irmão deram-lhe uma sensação de frio no peito.

— Não podemos — disse.

— Tem de ser. Não há comida. Se cá ficarmos, acabamos por morrer.

Maisie não se importava de morrer, mas lembrou-se de outra coisa: a mãe ia de certeza passar fome para alimentar os filhos. Se ali ficassem, morria ela. Tinham de ir embora para a salvar.

— Tens razão — disse a Danny. — Se formos, talvez o pai consiga comida que chegue para a mãe. Temos de ir embora, para bem dela. — Ao ouvir as próprias palavras, ficou assombrada com o que estava a acontecer à sua família. Conseguia ser pior do que no dia em que tinham partido de Viskis, com as casas da aldeia ainda em chamas atrás de si, para embarcarem num comboio frio com todos os pertences em dois sacos de lona; porque, nessa altura, Maisie sabia que o pai iria sempre tomar conta dela, o que quer que viesse a acontecer; e agora tinha de ser ela a olhar por si.

— Para onde vamos? — perguntou em surdina.

— Eu vou para a América.

— Para a América! Como?

— Está no porto um navio que parte para Boston amanhã de manhã. Subo por uma corda esta noite e escondo-me no convés dentro de um dos botes.

— Vais clandestino — disse Maisie, com medo e admiração na voz.

— Tal e qual.

Ao olhar para o irmão, notou pela primeira vez que sobre o lábio de cima começava a ver-se uma sombra de bigode. Estava a fazer-se um homem, e um dia haveria de ter uma grande barba negra como a do pai.

— Quanto tempo é que se leva a chegar à América? — perguntou-lhe.

Danny hesitou; depois, com um ar confuso, disse:

— Não sei.

Maisie compreendeu que não estava incluída nos planos do irmão, e sentiu-se infeliz e assustada.

— Então não vamos juntos — disse com tristeza.

Danny fez um ar culpado, mas não a contradisse.

— Eu digo-te o que deves fazer. Vai para Newcastle. A pé, deves demorar uns quatro dias. É uma cidade enorme, maior que Gdansk: ninguém vai reparar em ti. Corta o cabelo, rouba um par de calças e finge que és um rapaz. Procura uns estábulos grandes para dares uma ajuda com os cavalos: sempre tiveste jeito para cavalos. Se gostarem de ti, dão-te gorjetas e, ao fim de uns tempos, talvez te ofereçam um emprego a sério.

Maisie não conseguia imaginar-se a viver completamente sozinha.

— Prefiro ir contigo — disse.

— Não podes. Já vai ser difícil esconder-me no navio e roubar comida e isso tudo. Não ia poder cuidar também de ti.

— Não precisavas de cuidar de mim. Ficava quietinha que nem um rato.

— Ia andar preocupado contigo.

— E não ficas preocupado por me deixares sozinha?

— Tem de olhar cada um por si! — disse ele irritado.

Maisie percebeu que a decisão estava tomada. Nunca conseguira convencê-lo a mudar de ideias quando ele tomava uma decisão. De coração apavorado, disse:

— Quando é que partimos? De manhã?

Danny abanou a cabeça.

— Agora. Tenho de subir para bordo assim que escurecer.

— Estás a falar a sério?

— Estou. — Como que a comprová-lo, pôs-se de pé.

Maisie fez o mesmo.

— Levamos alguma coisa?

— O quê?

Ela encolheu os ombros. Não tinha outras roupas, nem lembranças, nem qualquer tipo de bens. Também não havia comida nem dinheiro para levar.

— Quero dar um beijo à mãe — disse.

— Não — disse Danny com brusquidão. — Se fizeres isso, já não vens.

Era verdade. Se visse a mãe, não se iria aguentar e acabaria por contar tudo. Engoliu a saliva com força.

— Está bem — disse, contendo as lágrimas. — Estou pronta. Partiram lado a lado.

Chegados ao fim da rua, Maisie quis voltar-se para ver a casa uma última vez; mas teve receio de fraquejar se o fizesse; por isso, continuou a andar, e nunca olhou para trás.

[IV]

Do jornal *The Times*:

O CARÁTER DO ESTUDANTE INGLÊS — O procurador de Ashton, Mr. H. S. Wasbrough, realizou ontem um inquérito, no Hotel Station de Windfield, acerca da morte de Peter James St. John Middleton, estudante, de treze anos. O rapaz estava a nadar numa lagoa formada numa antiga pedreira perto de Windfield School quando dois colegas mais velhos o viram aparentemente em dificuldades, como foi dito ao tribunal. Um dos rapazes mais velhos, Miguel Miranda, natural de Córdova, declarou que o seu camarada, Edward Pilaster, de quinze anos, despiu as roupas exteriores e mergulhou para tentar salvar o colega mais novo, mas sem êxito. O diretor do colégio, o Dr. Herbert Poleson, atestou que a pedreira se situa fora do perímetro autorizado aos alunos, mas admitiu que a regra nem sempre é respeitada. O júri emitiu o veredicto de morte accidental por afogamento. O procurador salientou então a valentia de Edward Pilaster ao tentar

salvar a vida do seu amigo, e afirmou que o caráter do estudante inglês, moldado por instituições como Windfield School, é algo de que podemos com boa razão orgulhar-nos.

{V}

Micky Miranda estava rendido ao encanto da mãe de Edward.

Augusta Pilaster era uma mulher alta, com porte de estátua, na casa dos trinta anos. Tinha cabelo e sobrancelhas negros e um rosto orgulhoso de altos malares, com o nariz direito e fino e um queixo determinado. Não era propriamente bonita, e menos ainda graciosa, mas havia qualquer coisa naquela face ativa que a tornava profundamente fascinante. Levava para o inquérito casaco e chapéu pretos, o que lhe dava ainda maior dramatismo. E, porém, realmente sedutora era a impressão inconfundível que produzia em Micky de que aquelas roupas formais encobriam um corpo voluptuoso e de que aqueles modos arrogantes e senhoris ocultavam uma natureza apaixonada. Mal conseguia tirar dela os olhos.

Ao lado sentava-se o marido, Joseph, pai de Edward, homem feio, de rosto amargo, com os seus quarenta anos. Tinha o mesmo nariz que o filho, aquela lâmina enorme, e a mesma pele clara, mas o cabelo louro começava a rarear e ele ostentava nas faces umas suíças hirsutas à Dundreary, dir-se-ia que a compensar a calvície. Micky perguntava-se o que teria levado tão esplêndida mulher a casar com ele. Joseph era muito rico — talvez fosse isso.

Regressavam ao colégio numa carruagem alugada no Hotel Station: Mr. e Mrs. Pilaster, Edward e Micky, e o diretor, o Dr. Poleson. Micky achava graça a constatar que também o diretor fora enfeitado por Augusta Pilaster. Quis saber o velho Pole se o inquérito a fatigara, perguntou se ela estava confortável na carruagem, deu ordem ao cocheiro para seguir mais devagar e saltou para o chão terminada a viagem para gozar o estremecimento de lhe dar a mão para ela descer. Nunca a sua cara de buldogue se vira tão animada.

O inquérito correrá bem. Micky compusera a sua expressão mais franca e honesta para contar a história que ele e Edward tinham

inventado, mas por dentro sentia receio. Os britânicos conseguiam alardear uma aparência de grandes escrúpulos a respeito de se dizer a verdade e, se o desmascarassem, ver-se-ia em maus lençóis. Mas o tribunal ficara tão encantado com aquela história de heroísmo estudantil que ninguém a questionara. Edward estava nervoso e gaguejara durante o seu depoimento, mas o procurador desculpava-o, sugerindo que tal se devia à consternação de não ter conseguido salvar a vida de Peter, e insistindo em que não tinha motivos para se culpabilizar.

Nenhum dos outros rapazes foi convocado para o inquérito. Hugh fora levado do colégio no dia do afogamento por causa da morte do pai. Tonio não fora chamado a testemunhar porque ninguém sabia que presenciara o sucedido: Micky calara-o pela força do medo. A outra testemunha, o rapaz desconhecido do extremo oposto da lagoa, não se manifestara.

Os pais de Peter estavam demasiado abalados para comparecerem. Enviaram o seu advogado, um velhote de olhar apático que tinha por único fito resolver tudo aquilo com o mínimo de rebuliço. David, o irmão mais velho de Peter, estava presente e ficou muito impaciente quando o advogado recusou fazer mais perguntas a Micky ou a Edward, mas, para alívio de Micky, o velho ignorou com um gesto os protestos que ele lhe sussurrava. Micky sentiu-se grato por aquela moleza: Edward poderia não ter resistido a um interrogatório cético.

Na sala de visitas poeirenta do diretor, Mrs. Pilaster abraçou Edward e deu um beijo na ferida que ele tinha na testa, onde o atingira a pedrada de Tonio.

— Meu pobre filho — disse. Micky e Edward não tinham contado a ninguém que Tonio atirara uma pedra a Edward, pois teriam tido de explicar porque o fizera. Tinham dito, em vez disso, que batera com a cabeça ao mergulhar para salvar Peter.

Enquanto bebiam o chá, Micky viu uma faceta de Edward que desconhecia. A mãe, sentada ao lado do filho no sofá, tocava nele constantemente e chamava-lhe Teddy. Em vez de sentir vergonha, como sentiria a maior parte dos rapazes, Edward parecia gostar, e não parava de dedicar à mãe um sorriso insinuante que Micky nunca lhe notara. É doida por ele, pensou Micky, e ele adora aquilo.

Após uns minutos de conversa de circunstância, Mrs. Pilaster levantou-se abruptamente, alvoroçando os homens, que logo se puseram de pé.

— O senhor há de querer fumar, Dr. Poleson — disse ela. Sem esperar por resposta, prosseguiu: — Mr. Pilaster dará uma volta com o senhor pelo jardim para fumarem um charuto. Teddy, meu querido, vai com o teu pai. Gostaria de ter um momento de recolhimento na capela. Talvez Micky queira mostrar-me o caminho.

— Mas com certeza, com certeza, com certeza — balbuciou o diretor, tropeçando em si mesmo na sofreguidão de obedecer àquela série de instruções. — A caminho, Miranda.

Micky estava impressionado. Com que facilidade a mãe de Edward os fizera cumprir os seus desígnios! Abriu-lhe a porta e saiu atrás dela. No vestíbulo, perguntou cortês:

— Quer uma sombrinha, Mrs. Pilaster? O sol está muito forte.

— Não, obrigada.

Saíram para o ar livre. Andava por ali uma data de rapazes. Micky percebeu que já correra a notícia de como era magnífica a mãe do Pilaster e que tinham ido todos espreitá-la. Contento por ser ele a acompanhá-la, conduziu-a por uma série de pátios e relevados interiores até à capela do colégio.

— Quer que espere cá fora? — ofereceu.

— Entre. Quero falar consigo.

Micky começou a sentir-se nervoso. O seu prazer de acompanhar uma esplêndida mulher mais velha pelos meandros do colégio principiou a desvanecer-se, e ele perguntava-se porque queria ela conversar a sós.

A capela estava vazia. A mãe de Edward escolheu um banco afastado do altar e convidou-o a sentar-se ao lado dela. Olhando-o nos olhos, disse:

— Agora conte-me a verdade.

Augusta notou o acesso de surpresa e de medo na expressão do rapaz e percebeu que acertara.

Ele, porém, num instante recuperou o autodomínio.

— Já lhe contei a verdade — respondeu.

Ela abanou a cabeça.

— Não, não contou.

Micky sorriu.

O sorriso colheu-a de surpresa. Ela apanhara-o em falso; sabia que o rapaz estava na defensiva; no entanto, ele conseguia sorrir-lhe. Poucos homens eram capazes de resistir à força da sua vontade, mas Micky parecia ser excepcional, apesar da sua juventude.

— Que idade tem? — perguntou.

— Dezasseis.

Observou-o. Era escandalosamente belo, com os seus caracóis castanho-escuros e a sua pele suave, embora já houvesse um laivo de decadência nas pálpebras carregadas e nos lábios carnudos. Recordava-lhe vagamente o conde de Strang, com o seu porte e a sua beleza... Afastou aquelas ideias com um sentimento de culpa repentino.

— Peter Middleton não estava atrapalhado quando chegaram à lagoa — disse. — Andava a nadar muito satisfeito.

— Porque diz isso? — ripostou ele tranquilamente.

O rapaz estava assustado, como Augusta bem sentia, mas mantinha a compostura. Tinha, na verdade, uma maturidade notável. Augusta deu por si, contra vontade, a mostrar mais as suas cartas.

— Esquece que Hugh Pilaster estava presente — disse. — É meu sobrinho. O pai dele matou-se na semana passada, como saberá, e é por isso que ele não está aqui. Mas falou com a mãe, que é minha cunhada.

— O que é que ele disse?

Augusta franziu o sobrolho.

— Disse que Edward atirou para a água as roupas de Peter — respondeu ela com relutância. Realmente não conseguia entender porque faria Teddy uma coisa assim.

— E depois?

Augusta sorriu. O rapaz estava a assumir o controlo da conversa. Deveria ser ela a fazer-lhe perguntas, mas, em vez disso, era ele quem a interrogava a ela.

— Conte-me mas é o que realmente se passou.

Ele assentiu.

— Muito bem.

Ao ouvi-lo dizer aquilo, Augusta sentiu alívio, mas também inquietação. Queria conhecer a verdade, mas receava o que pudesse ser. Pobre Teddy — quase morrera, em bebê, por causa de um problema qualquer com o leite dela, e por pouco não definhara completamente antes de os médicos descobrirem a causa e recomendarem uma ama de leite. Edward fora frágil desde então, sempre a precisar da proteção especial da mãe. Por vontade dela, não teria ido para um internato, mas nisso o pai fora intransigente... Augusta voltou de novo a atenção para Micky.

— Edward não fez por mal — começou o rapaz. — Estava só a meter-se com ele. Atirou para a água as roupas dos outros na brincadeira.

Augusta acenava com a cabeça. Aquilo parecia-lhe natural: rapazes a provocarem-se uns aos outros. Teddy, coitado, decerto também teria sido alvo de brincadeiras do género.

— Depois Hugh empurrou Edward lá para dentro.

— Esse Hugh foi sempre um desordeiro — disse Augusta. — Tal qual o infeliz do pai dele. — E, tal como o pai, iria provavelmente acabar mal, pensou para consigo.

— Os outros riram-se todos, e Edward começou a afundar a cabeça de Peter, para lhe dar uma lição. Hugh fugiu. Então Tonio atirou uma pedra a Edward.

Augusta estava horrorizada.

— Podia perder os sentidos e afogar-se!

— Mas não se afogou, e foi atrás de Tonio. Eu estava a vê-los: ninguém prestava atenção a Peter Middleton. Tonio acabou por escapar a Edward. Foi aí que notámos que Peter estava muito quieto. Não sabemos ao certo o que lhe aconteceu: talvez o castigo de Edward o tenha deixado exausto, sem forças ou sem fôlego para sair da lagoa. O certo é que estava a boiar com a cara para baixo. Tirámo-lo logo mas já estava morto.

Não se podia dizer que fosse realmente culpa de Edward, pensou Augusta. Os rapazes eram sempre brutos entre si. Mesmo assim,

sentia-se profundamente grata por aquela história não ter vindo ao de cima durante o inquérito. Micky, felizmente, encobrirá Edward.

— E os outros rapazes? — perguntou. — Devem saber o que aconteceu.

— Foi uma sorte Hugh ter-se ido embora no mesmo dia.

— E o outro? Tony, não foi o que disse?

— Antonio Silva. Chamamos-lhe Tonio. Não se preocupe com ele. É do meu país. Faz o que eu lhe disser.

— Como pode ter a certeza?

— Ele sabe que, se me meter em sarilhos, a família dele vai sofrer por lá as consequências.

Havia na voz do rapaz qualquer coisa de tenebroso ao dizer isto, e Augusta estremeceu.

— Quer que lhe vá buscar um xaile? — ofereceu Micky, atencioso.

Augusta abanou a cabeça.

— Mais ninguém viu?

Micky enrugou a testa.

— Estava outro rapaz a nadar na lagoa quando lá chegámos.

— Quem?

Ele abanou a cabeça.

— Não consegui ver-lhe a cara, e não sabia que isso ia ser importante.

— Ele viu o que se passou?

— Não sei. Não tenho a certeza de quando se terá ido embora.

— Mas já lá não estava quando tiraram o corpo da água?

— Já não.

— Oxalá soubéssemos quem é — disse Augusta, ansiosa.

— Podia nem ser do colégio — notou Micky. — Podia ser da vila. De qualquer modo, seja qual for a razão, não se ofereceu como testemunha, por isso suponho que não represente perigo para nós.

Perigo para nós. Augusta apercebeu-se de repente de que estava envolvida com Micky em algo de desonesto, possivelmente ilegal. Não gostava da situação. Metera-se nela sem se dar conta, e agora não tinha como sair. Olhou-o intensamente e perguntou:

— O que é que quer?

Apanhou-o desprevenido pela primeira vez. Com um ar desconcertado, ele respondeu:

— O que quero, como?

— Encobriu o meu filho. Hoje cometeu perjúrio. — Percebeu que a sua franqueza o perturbara. Ficou satisfeita: o controlo era de novo seu. — Não acredito que tenha corrido esse risco por pura bondade. Há de querer alguma coisa em troca. Porque não me diz o que é?

Viu o olhar do rapaz cair-lhe momentaneamente no peito e, por um instante desvairado, julgou que fosse fazer-lhe uma proposta indecente. Em seguida, ele disse:

— Quero passar o verão convosco.

Augusta não esperava aquilo.

— Porquê?

— A minha casa fica a seis semanas de viagem. Tenho de ficar no colégio durante as férias, coisa que eu detesto: estou sozinho e aborreço-me. Gostaria que me convidasse para passar o verão com Edward.

Subitamente, era outra vez um jovem estudante. Augusta pensara que fosse pedir dinheiro ou talvez um emprego no Banco Pilaster. Aquele pedido, contudo, parecia muito pequeno, quase infantil. Mas para ele, claramente, não era pequeno. Afinal de contas, pensou Augusta, só tem dezasseis anos.

— Passará o verão connosco, e será bem-vindo — disse. A ideia não lhe desagradava. Era um rapaz assustador nalguns aspetos, mas tinha uns modos perfeitos e era lindo: não seria peso nenhum tê-lo como convidado. E poderia ser boa influência para Edward. Se havia defeito que reconhecesse em Teddy, era não ter grandes objetivos. Micky era exatamente o oposto. Talvez parte daquela força de vontade contagiasse o seu Teddy.

Micky sorriu, mostrando uns dentes brancos.

— Obrigado — disse. Parecia sinceramente encantado.

Augusta sentiu um desejo intenso de ficar uns momentos só e refletir sobre o que ouvira.

— Agora deixe-me — disse. — Eu encontro o caminho para a casa do diretor.

Ele levantou-se do banco onde se tinham sentado ambos.

— Fico muito grato — disse, e estendeu a mão.

Ela tomou-lha.

— E eu fico-lhe grata a si por ter protegido Teddy.

Micky inclinou-se, como se fosse beijar-lhe a mão; e então, para grande espanto dela, beijou-lhe os lábios. Foi tão rápido que Augusta não teve tempo de se desviar. Procurou palavras de protesto enquanto se endireitava, mas não sabia o que dizer. No instante seguinte, ele partira.

Era uma afronta! Não devia tê-la beijado de todo, menos ainda nos lábios. Por quem se tomaria? O seu primeiro pensamento foi anular o convite para o verão. Mas isso era impossível.

E porque não?, perguntou a si mesma. Porque não poderia revogar um convite feito a um mero estudante? Ele agira com insolência, por isso não devia hospedá-lo.

Mas a perspectiva de voltar com a promessa atrás deixava-a desconfortável. Compreendeu que não era apenas por Micky ter salvo Teddy. Era pior do que isso. Entrara numa conspiração criminosa com o rapaz, o que a tornava desagradavelmente vulnerável a ele.

Permaneceu sentada na frescura da capela durante muito tempo, de olhos fixos nas paredes nuas, a perguntar-se, com um sentimento bem definido de apreensão, como iria aquele jovem esperto e bem-
-parecido usar o seu poder.

PRIMEIRA PARTE



1873

CAPÍTULO UM

Maio

[I]

Micky Miranda tinha vinte e três anos quando o seu pai foi a Londres comprar espingardas.

O Señor Carlos Raul Xavier Miranda, a quem chamavam sempre *Papá*, era um homem baixo de ombros maciços. Sulcavam-lhe o rosto tisonado rugas de fereza e brutalidade. Com perneiras de couro e chapéu de aba larga, montado num alazão castanho, conseguia compor uma figura de comando graciosa; mas ali, em Hyde Park, de sobrecasaca e cartola, sentia-se ridículo, o que lhe causava um perigoso mau humor.

Não eram parecidos. Micky era alto e esguio, de feições regulares, e levava mais a água ao seu moinho a sorrir do que a fazer cara de mau. Achava-se fortemente apegado aos requintes da vida londrina: belas roupas, boas maneiras, lençóis de linho e água canalizada em casa. O seu grande receio era que o *Papá* quisesse levá-lo de novo para Córdova. Não suportaria voltar aos dias passados de rabo na sela e às noites a dormir em chão duro. Pior ainda era a perspectiva de ficar à mercê do irmão mais velho, Paulo, que era uma réplica do *Papá*. Talvez Micky regressasse um dia, mas seria como homem importante de pleno direito e não como filho mais novo do *Papá* Miranda. Até lá, tinha de convencer o pai de que era mais útil ali em Londres do que seria em Córdova.

Caminhavam ao longo de South Carriage Drive numa tarde soalheira de sábado. O parque estava apinhado de londrinos bem vestidos, a pé, a cavalo ou em carruagens abertas, a apreciarem o tempo quente. Mas o *Papá* não estava a apreciar coisa nenhuma.

— Preciso das espingardas! — resmungou para consigo em espanhol. Disse-o duas vezes.

Micky falou na mesma língua.

— Podia comprá-las por lá — arriscou.

— Duas mil? — contrapôs o *Papá*. — Talvez até pudesse. Mas era uma compra tão grande que toda a gente ficava a saber.

Queria, portanto, segredo. Micky não fazia ideia de quais seriam as intenções do pai. Pagar duas mil armas, mais as respetivas munições, iria com certeza esgotar todas as reservas de dinheiro líquido da família. Para que precisaria o *Papá*, assim de repente, de tão vasto arsenal? Não havia guerra em Córdova desde a Marcha dos Gaúchos, hoje lendária, na qual o *Papá* conduzira os seus homens através dos Andes para libertar a província de Santamaria dos potentados espanhóis. Para quem seriam as armas? Somando os gaúchos do *Papá*, parentes, funcionários e sequazes, mal se chegaria aos mil homens. O *Papá* tinha forçosamente planos para recrutar mais. Contra quem iriam combater? O *Papá* não lhe dera tais informações e Micky temia pedi-las.

Limitou-se a dizer:

— De qualquer modo, provavelmente não arranjava armas de tão boa qualidade em Córdova.

— É verdade — disse o *Papá*. — A *Westley-Richards* é a melhor espingarda que eu já vi.

Micky pudera ajudá-lo na escolha das espingardas. Sempre o tinham fascinado as armas de todos os géneros, e mantinha-se a par dos mais recentes progressos técnicos. O *Papá* precisava de espingardas de cano curto, que não se tornassem um estorvo para homens a cavalo. Micky levara-o a uma fábrica em Birmingham e mostrara-lhe a carabina *Westley-Richards* com carregamento pela culatra, batizada de *Monkeytail*² por causa do seu ferrolho encaracolado.

² Cauda de macaco. (NT)

— E fabricam-nas tão depressa! — disse Micky.

— Pensava que ia esperar uns seis meses até as terem prontas. Mas eles fazem tudo em poucos dias!

— É da maquinaria americana que usam. — Dantes, quando as armas eram feitas por ferreiros que uniam as peças por tentativa e erro, duas mil espingardas teriam de facto levado seis meses a fabricar; mas a maquinaria moderna era tão precisa que as peças de qualquer arma encaixavam nas de qualquer outra do mesmo modelo, e uma fábrica bem equipada conseguia produzir centenas de espingardas idênticas por dia, como alfinetes.

— E aquela máquina que faz duzentos mil cartuchos por dia! — disse o *Papá*, abanando a cabeça de admiração. Porém, logo a sua disposição tornou a mudar e perguntou num tom sinistro: — Mas como é que podem pedir o dinheiro antes de entregarem as armas?

O *Papá* não percebia nada de comércio internacional, e supusera que o fabricante entregasse as espingardas em Córdova e que aceitasse receber em Córdova o pagamento. Ora, pelo contrário, o pagamento era exigido antes de as armas saírem da fábrica de Birmingham.

No entanto, o *Papá* estava relutante em enviar moedas de prata de um lado para o outro do Atlântico dentro de barris. Pior, não podia entregar toda a fortuna da família antes de as armas chegarem em segurança.

— Vamos resolver esse problema, *Papá* — disse Micky apaziguador. — É para isso que servem os bancos comerciais.

— Explica-me lá isso outra vez — disse o *Papá*. — Quero ter a certeza de que entendo.

Micky ficava contente por poder explicar alguma coisa ao pai.

— O banco paga ao fabricante em Birmingham. Trata do transporte das armas para Córdova e do seguro para a viagem. Quando as armas chegarem, o banco aceita o pagamento do *Papá* na sucursal de Córdova.

— Mas depois têm de mandar a prata para Inglaterra.

— Não necessariamente. Podem usá-la para pagar algum carregamento de carne salgada que vá de Córdova para Londres.

— Como é que ganham a vida?

— Tiram uma fatia de tudo. Pagam ao fabricante de espingardas a um preço já reduzido, recebem uma comissão pelo transporte e pelo seguro, e ao *Papá* cobram-lhe mais pelas armas.

O *Papá* acenava com a cabeça. Tentava não o mostrar, mas estava impressionado, o que agradava a Micky.

Saíram do parque e enveredaram por Kensington Gore até à morada de Joseph e Augusta Pilaster.

Nos sete anos decorridos desde o afogamento de Peter Middleton, Micky passara todas as férias com os Pilaster. Terminado o colégio, viajara com Edward pela Europa durante um ano, e partilhara o quarto com ele ao longo dos três anos passados na Universidade de Oxford, a beber e a jogar e a pintar a manta, mal esboçando uma aparência mínima de dedicação ao estudo.

Não tornara a beijar Augusta. Gostaria de o ter feito. Queria até fazer mais do que beijá-la. E tinha a impressão de que ela talvez consentisse. Sob aquele verniz de arrogância gelada palpitava o coração fogo de uma mulher ardente e sensual, disso tinha a certeza. Mas continha-se por prudência. Obtivera algo inestimável ao ser aceite quase como um filho no seio de uma das famílias mais ricas de Inglaterra e seria uma loucura arriscar essa posição tão preciosa seduzindo a mulher de Joseph. Mesmo assim, não conseguia impedir-se de ir sonhando com isso.

Os pais de Edward tinham-se mudado pouco antes para uma casa nova. Em Kensington Gore, que ainda não havia muito era uma estrada rural a ligar Mayfair, através dos campos, à aldeia de Kensington, alinhava-se agora, do lado sul, uma fiada de esplêndidas mansões. Do lado norte da rua, estendiam-se Hyde Park e os jardins de Kensington Palace. Era a localização perfeita para a morada de uma família comercial abastada.

Micky não estava muito seguro quanto ao estilo arquitetónico da mansão.

Impressionante, sem dúvida que era. Feita de tijolo vermelho e pedra branca, com grandes janelas de vitral no rés do chão e no primeiro andar. Acima do primeiro andar, nascia uma enorme empena, cuja forma triangular abarcava três níveis de janelas — seis,

depois quatro, depois duas junto do vértice: quartos, provavelmente, para incontáveis parentes, convidados e criadagem. Os lados do triângulo eram em degraus, e sobre cada degrau erguia-se um animal de pedra: leões, dragões e macacos. No degrau de cima navegava um navio a todo o pano. Talvez representasse o navio negreiro que, rezava a lenda da família, estava na base da riqueza dos Pilaster.

— Tenho a certeza de que não há outra casa como esta em Londres — disse Micky enquanto a contemplava por fora com o pai.

Este respondeu em espanhol:

— De certeza que era mesmo isso que a senhora queria.

Micky assentiu com um gesto. O *Papá* ainda não travara conhecimento com Augusta, mas já sabia de que género era.

A casa também tinha uma grande cave. Transpondo a área da cave, uma ponte dava acesso ao pórtico de entrada. A porta estava aberta e eles entraram.

Augusta estava a dar uma festa, um chá de fim de tarde, para mostrar a casa. O vestíbulo, com painéis de carvalho a revestir as paredes, achava-se apinhado de convivas e criados. Micky e o pai entregaram os chapéus a um lacaio e em seguida abriram caminho até ao amplo salão situado nas traseiras. As portas de sacada estavam abertas e a festa espraiava-se por um terraço lajeado e por um extenso jardim.

Micky optara deliberadamente por apresentar o pai quando houvesse muita gente, porque as suas maneiras nem sempre correspondiam aos padrões londrinos, e era preferível que os Pilaster o fossem conhecendo aos poucos. Mesmo pelos padrões cordoveses, o *Papá* não dava grande atenção às subtilezas sociais, e acompanhá-lo pelas ruas de Londres era como trazer um leão pela trela. Ele insistia em andar com uma pistola no casaco em todas as ocasiões.

Não foi preciso que Micky indicasse ao *Papá* quem era Augusta.

A anfitriã encontrava-se no centro do salão, envergando um majestoso vestido de seda azul com amplo decote quadrado que lhe revelava o sopé dos seios. Quando o *Papá* lhe apertou a mão, ela fitou-o com os seus hipnóticos olhos escuros e disse, numa voz baixa, de veludo:

— Señor Miranda, é um enorme prazer conhecê-lo finalmente. O *Papá* ficou logo arrebatado. Fez uma vénia exagerada ao beijar-lhe a mão.

— Nunca poderei pagar a sua gentileza com Miguel — disse num inglês hesitante.

Micky examinava-a, vendo-a envolver o *Papá* no seu feitiço. Augusta mudara muito pouco desde o dia em que a beijara na capela de Windfield School. A novidade de uma ou duas rugas em redor dos olhos só a tornava mais fascinante; o toque de prata no cabelo salientava o negro do resto; e, se ganhara um pouco de peso, isso tornava o seu corpo mais voluptuoso.

— Micky fala muitas vezes do seu rancho magnífico — ia ela dizendo ao *Papá*.

Este baixou a voz.

— Tem de ir visitar-nos um dia.

Deus nos livre, pensou Micky. Augusta em Córdova estaria tão deslocada como um flamingo numa mina de carvão.

— Talvez vá — disse Augusta. — A que distância fica?

— Com os barcos novos, é só um mês.

Micky notou que ele continuava a segurar-lhe na mão. E a voz tornara-se-lhe espessa. Já estava doido por ela. Micky sentiu uma punhalada de ciúme. Se alguém ia cortejar Augusta, devia ser ele, não o *Papá*.

— Dizem que Córdova é um belo país — disse Augusta.

Micky rezava para que o *Papá* não fizesse nada de vergonhoso. Contudo, ele conseguia ser agradável quando lhe convinha, e naquele momento desempenhava em honra de Augusta o papel de fidalgo romântico sul-americano.

— Posso garantir-lhe que seria recebida como a rainha que é — disse o *Papá* em voz baixa; e agora era evidente que estava a atirar-se a ela.

Augusta, todavia, estava à altura.

— A ideia é extraordinariamente tentadora — disse, com uma falta de sinceridade descarada que escapou por completo ao *Papá*. Retirando a mão com a maior das naturalidades, olhou por cima do ombro dele e exclamou: — Oh, capitão Tillotson, que gentil ter vindo! — E afastou-se para cumprimentar o recém-chegado.

O *Papá* ficou desamparado. Levou uns instantes a recompor-se. Depois disse bruscamente:

— Leva-me ao diretor do banco.

— Claro — respondeu Micky com nervosismo. Olhou em redor à procura do Velho Seth. O clã Pilaster estava ali completo, incluindo tias solteiras, sobrinhos e sobrinhas, parentes por afinidade e primos em segundo grau. Micky reconheceu alguns membros do Parlamento e alguma baixa nobreza dispersa. Pareceu a Micky que a maioria dos outros convidados eram relações de negócios; e também rivais, pensou, ao avistar o vulto magro e direito de Ben Greenbourne, diretor do Banco Greenbourne, de quem se dizia ser o homem mais rico do mundo. Ben era o pai de Solomon, o rapaz que Micky sempre conhecera por Fatty Greenbourne. Tinham perdido o contacto desde o colégio: Fatty não fora para a universidade nem fizera qualquer viagem pela Europa; entrara diretamente para os negócios do pai.

A aristocracia geralmente considerava pouco educado falar de dinheiro, mas este grupo não tinha dessas inibições, e Micky não parava de ouvir o termo *crash*. Nos jornais, escreviam por vezes *Krach* porque tudo começara na Áustria. As ações estavam em baixa e a taxa de desconto subira, segundo Edward, que começara recentemente a trabalhar no banco da família. Havia quem estivesse alarmado, mas os Pilaster tinham confiança em que Londres não seria arrastada por Viena.

Micky conduziu o *Papá* pelas janelas de sacada até ao terraço, onde havia bancos de madeira à sombra de toldos às riscas. Aí foram encontrar o Velho Seth, sentado com uma manta sobre os joelhos apesar do tempo quente de primavera. Achava-se enfraquecido por uma qualquer enfermidade e parecia frágil como casca de ovo, mas tinha o nariz dos Pilaster, uma enorme lâmina curva que ainda lhe dava um ar assustador.

Uma convidada falava efusivamente com o velhote, dizendo:

— Que pena o senhor não estar com saúde para ir à receção real, Mr. Pilaster!

Micky poderia tê-la avisado de que aquilo não era coisa que se dissesse a um Pilaster.

— Pelo contrário, ainda bem que tenho uma desculpa — rosnou Seth. — Não vejo porque hei de ajoelhar-me perante alguém que nunca ganhou um cêntimo na vida.

— Mas o príncipe de Gales... tamanha honra!

Seth não estava com disposição para ser contrariado — raramente o estava, na verdade — e respondeu:

— Minha jovem senhora, o nome Pilaster é garantia de negócios honestos aceite em cantos do mundo onde nunca se ouviu falar do príncipe de Gales.

— Até parece que o senhor, Mr. Pilaster, não gosta da família real! — insistia a mulher, numa tentativa forçada de falar em tom de brincadeira.

Havia setenta anos que Seth não estava para brincadeiras.

— Não gosto da indolência — sentenciou. — Diz a Bíblia: «Se alguém não quiser trabalhar, não coma também.» Foi São Paulo quem escreveu isto, na Segunda Carta aos Tessalonicenses, capítulo três, versículo dez, e, significativamente, não disse que a realeza fosse exceção à regra.

A mulher retirou-se envergonhada. Reprimindo um sorriso, Micky disse:

— Mr. Pilaster, dá-me licença que lhe apresente o meu pai, o Señor Carlos Miranda, que está de visita vindo de Córdova.

Seth apertou a mão do *Papá*.

— Córdova, hem? O meu banco tem uma dependência na vossa capital, Palma.

— Vou muito pouco à capital — disse o *Papá*. — Tenho um rancho na província de Santamaria.

— Então está no ramo das carnes.

— Sim.

— Informe-se sobre refrigeração.

O *Papá* ficou confuso. Micky explicou:

— Alguém inventou uma máquina para manter a carne fria. Se descobrirem uma maneira de a instalar em navios, podemos mandar carne para o mundo inteiro sem a salgar.

O *Papá* fez uma careta.

— Isso pode ser mau para nós. Tenho grandes instalações de salga.

— Mande-as abaixo — disse Seth. — Meta-se na refrigeração.

O *Papá* não gostava que lhe dissessem o que fazer, e Micky sentiu-se um tanto apreensivo. Pelo canto do olho, viu Edward.

— *Papá*, quero apresentar-lhe o meu melhor amigo — disse. Conseguiu assim afastar o pai do Velho Seth. — Permita que lhe apresente Edward Pilaster.

O *Papá* examinou Edward com um olhar frio e penetrante. Edward não era bonito — saía ao pai e não à mãe — mas parecia um rijo moço de lavoura, musculado e de pele clara. Noitadas e vinho não tinham cobrado o seu preço — pelo menos por enquanto. O *Papá* apertou-lhe a mão e disse:

— Vocês os dois são amigos há muitos anos.

— Amigos do peito — disse Edward.

O *Papá* franziu a testa, sem entender.

Micky disse:

— Podemos falar de negócios um instante?

Desceram do terraço para o relvado ainda novo. Os canteiros exteriores, recém-plantados, apenas tinham terra limpa e minúsculos arbustos.

— O *Papá* anda a fazer grandes compras por cá e precisa de tratar do transporte e do financiamento — prosseguiu Micky. — Podia ser o primeiro negócio que arranjavas para o banco da tua família.

Edward fez um ar entusiasmado.

— Terei todo o gosto em tratar-lhe disso — afiançou ao *Papá*. — Quer passar pelo banco amanhã de manhã, para tratarmos de tudo?

— Quero — disse o *Papá*.

Micky disse:

— Diz-me uma coisa: e se o navio for ao fundo? Quem é que fica a perder? Nós, ou o banco?

— Nem uma coisa nem outra — respondeu Edward com presunção. — A mercadoria fica segura no Lloyd's. Nós iríamos simplesmente receber o dinheiro do seguro e enviar-lhe uma nova remessa. Já agora, o que é a mercadoria?

— Espingardas.

O rosto de Edward fechou-se.

— Oh, nesse caso não podemos ajudar-vos.

Micky ficou baralhado.

— Porquê?

— Por causa do Velho Seth. É que ele é metodista. Quer dizer, toda a família é, mas ele é mais devoto que a maior parte dos outros. Seja como for, o certo é que não financia vendas de armas e, como é ele o sócio principal, é essa a política do banco.

— Raios partam! — praguejou Micky. Olhou receoso para o pai. Felizmente, este não entendera a conversa. Micky tinha um nó no estômago. Não era possível que o seu esquema fosse por água abaixo por causa de uma coisa tão estúpida como a religião de Seth... — Esse maldito velho hipócrita está praticamente morto, porque é que há de interferir?

— Seth está quase a retirar-se — assinalou Edward. — Mas acho que é o tio Samuel que o vai substituir, e ele é igual.

Cada vez pior. Samuel era o filho solteiro de Seth, com cinquenta e três anos e uma saúde de ferro.

— Pronto, teremos de ir a outro banco comercial — disse Micky.

Edward acrescentou:

— Deve ser fácil, desde que possam dar uma ou duas referências bancárias de confiança.

— Referências? Porquê?

— Bem, o banco corre sempre o risco de que o comprador não cumpra o acordo, deixando-o com um carregamento de mercadoria indesejada do outro lado do globo. Precisa de alguma garantia de estar a lidar com um negociante honrado.

O que Edward não compreendia era que a noção de negociante honrado não existia na América do Sul. O *Papá* era um caudilho, um proprietário rural provinciano com cem mil acres de pampa e uma mão de obra gaúcha que atuava como um exército privado. Exercia o poder de uma forma desconhecida para os britânicos desde a Idade Média. Era como pedir referências a Guilherme, o *Conquistador*.

Micky fingiu-se impávido.

— Com certeza que podemos arranjar qualquer coisa — disse. Na verdade, estava desorientado. Porém, se queria continuar em Londres, tinha de fechar aquele negócio.

Voltaram para trás e dirigiram-se para o terraço apinhado, com Micky a disfarçar a ansiedade. O *Papá* ainda não percebera que tinham esbarrado numa dificuldade séria, mas Micky teria de lho explicar mais tarde — e aí sim, haveria problema. O *Papá* não tinha paciência para o fracasso e a sua cólera era medonha.

Augusta apareceu no terraço e falou a Edward.

— Teddy, encontre-me o Hastead, meu querido — disse. Hastead era o servil mordomo galês. — Já não há cordial e o maldito desapareceu. — Brindou o *Papá* com um sorriso caloroso, íntimo. — Está a gostar da nossa pequena reunião, Señor Miranda?

— Mesmo muito, obrigado — respondeu o *Papá*.

— Tem de tomar uma chávena de chá ou um copo de cordial.

Micky sabia que o *Papá* teria preferido tequila, mas não serviam bebidas alcoólicas nas festas metodistas de fim de tarde.

Augusta olhou para Micky. Sempre rápida a captar os estados de espírito dos outros, disse:

— Já percebi que não está a gostar da festa. O que se passa?

Micky não hesitou em contar-lhe o sucedido.

— Tinha esperança de que o *Papá* pudesse ajudar Edward com um negócio novo para o banco, mas tem que ver com armas e munições, e Edward acaba de me explicar que o tio Seth não financia armamento.

— Seth não vai ser sócio principal muito mais tempo — disse Augusta.

— Ao que parece, Samuel tem a mesma posição do pai.

— Ah, tem? — disse Augusta, e o seu tom era de malícia.

— E quem disse que Samuel vai ser o próximo sócio principal?

{II}

Hugh Pilaster envergava uma gravata larga nova, azul-celeste, ligeiramente tufada no pescoço e presa por um alfinete. Na verdade, deveria envergatar uma casaca nova, mas só ganhava 68 libras

por ano, pelo que tinha de refrescar as suas roupas velhas com uma gravata nova. A gravata larga era a última moda e o azul-celeste uma escolha ousada; mas, ao espreitar o seu reflexo no enorme espelho sobre a lareira do salão da tia Augusta, viu que a gravata azul e o fato preto condiziam bastante bem com os seus olhos azuis e cabelo negro, e teve esperança de que a gravata lhe desse um ar atraente e jovial. Pelo menos, talvez Florence Stalworthy achasse que sim. Começara a interessar-se por roupas quando a conhecera.

Era um tanto embaraçoso morar com a tia Augusta e ser tão pobre; mas havia no Banco Pilaster a tradição de pagar aos funcionários segundo o seu valor, independentemente de serem ou não membros da família. Mandava outra tradição que toda a gente comesse por baixo. Hugh fora um aluno brilhante no colégio e teria sido representante dos alunos se não armasse tantos sarilhos; mas a instrução contava pouco no banco, e Hugh estava a trabalhar como aprendiz — e recebia em consonância.

A tia e o tio nunca se ofereciam para lhe dar qualquer ajuda monetária, pelo que tinham de tolerar que por vezes se apresentasse um tanto puído.

A ele, naturalmente, pouco lhe importava o que eles pensassem sobre a sua aparência. Era com Florence Stalworthy que estava preocupado. Tratava-se de uma bela jovem de pele muito branca, filha do conde de Stalworthy; mas o mais importante nela era que estava interessada nele. A verdade é que Hugh conseguia ficar deslumbrado por qualquer rapariga que com ele conversasse. Isto inquietava-o, pois decerto significava que os seus sentimentos eram pouco profundos; mas não podia evitá-lo. Se uma jovem lhe tocasse acidentalmente, tanto bastava para lhe deixar a boca seca. Atormentava-o a curiosidade de saber como seriam as pernas delas sob todas aquelas camadas de saias e saiotes. Havia alturas em que o seu desejo doía como uma ferida. Tinha vinte anos, sentia-se assim desde os quinze e, ao longo desses cinco anos, não dera um beijo a ninguém a não ser à mãe.

Uma festa como aquela era para ele um suplício refinado. Por se tratar de uma festa, toda a gente fazia os impossíveis para ser agradável, arranjar assuntos de conversa e mostrar interesse pelos

demais convidados. As raparigas iam encantadoras e sorriam e por vezes, discretamente, namoriscavam. Tão apinhada se achava a casa que inevitavelmente algumas acabavam por roçar por ele, por chocar com ele ao voltarem-se, por lhe tocarem num braço ou mesmo por comprimirem os seios contra as suas costas ao tentar passar. Hugh, depois disto, tinha uma semana inteira de noites agitadas.

A maioria dos presentes era, inevitavelmente, parentela sua. O seu pai, Tobias, já falecido, era irmão do pai de Edward, Joseph. Mas o pai de Hugh retirara o seu capital do banco da família, criara a sua própria empresa, fora à falência e matara-se. Era por isso que Hugh deixara o dispendioso colégio interno de Windfield e ingressara como aluno externo na Academia de Folkestone para Filhos de Cavalheiros; era por isso que começara a trabalhar com dezanove anos em vez de fazer uma viagem pela Europa e desperdiçar alguns anos numa universidade; era por isso que morava com a tia; e era por isso que não tinha roupas novas para usar na festa. Hugh era um parente, mas um parente pobre; uma vergonha para uma família cujo orgulho, confiança e posição social assentavam na riqueza.

Jamais teria ocorrido a qualquer deles resolver o problema dando-lhe dinheiro. A pobreza era o castigo por se fazer maus negócios e, se comessem a atenuar as consequências dos fracassos, ora essa, não haveria incentivo para o sucesso. «De caminho, punha-se uns colchões de penas nas prisões», diziam sempre que alguém sugeria que se ajudasse os derrotados da vida.

O pai de Hugh fora vítima de uma crise financeira, mas isso não contava. Falira no dia 11 de maio de 1866, data conhecida entre os banqueiros como Sexta-Feira Negra. Nesse dia, uma agência de câmbios chamada Overend and Gurney Ltd. abrira falência por cinco milhões de libras, e muitas empresas tinham sido arrastadas na queda, incluindo o London Joint Stock Bank e a firma de construções de Sir Samuel Peto, bem como a Tobias Pilaster and Co. De acordo com a filosofia dos Pilaster, no entanto, em negócios não havia desculpas. Presentemente havia outra crise financeira, e sem dúvida que uma ou outra firma iria à falência antes de o vento mudar; mas os Pilaster estavam a proteger-se vigorosamente, deixando cair os clientes mais fracos, apertando o crédito e recusando

impiedosamente todos os novos negócios cuja segurança não se achasse ao abrigo de qualquer dúvida. A sobrevivência, criam, era o principal dever de um banqueiro.

Bom, eu também sou um Pilaster, pensava Hugh. Posso não ter o nariz dos Pilaster, mas de sobrevivência sei eu. Por vezes, quando pensava no que acontecera ao seu pai, fervia-lhe no coração uma raiva que só lhe dava maior determinação para vir a ser o homem mais rico e respeitado de toda a pandilha. O colégio barato que frequentara como aluno externo ensinara-lhe aritmética e ciências, de grande utilidade, enquanto o seu primo Edward, mais endinheirado, se debatia com o latim e o grego; e o facto de não ir à universidade proporcionara-lhe um começo antecipado no ramo. Nunca sofrera a tentação de ter outro modo de vida, de ser pintor, ou membro do Parlamento, ou eclesiástico. Trazia a finança no sangue. Sabia dizer a taxa de desconto em qualquer momento mais depressa do que diria se estava a chover. Estava decidido a nunca ser tão presunçoso e hipócrita como os seus familiares mais velhos, mas nem por isso deixaria de ser banqueiro.

Todavia, não pensava muito no assunto. Na maior parte do tempo, pensava em raparigas.

Saiu do salão para o terraço e viu Augusta a avançar direita a ele com uma rapariga pela trela.

— Querido Hugh — disse —, aqui tem a sua amiga, Miss Bodwin.

Hugh rosou por dentro. Rachel Bodwin era uma rapariga alta, uma intelectual de opiniões radicais. Não era bonita — tinha um cabelo castanho sem brilho e uns olhos claros demasiado juntos —, mas era animada e interessante, cheia de ideias subversivas, e Hugh simpatizara muito com ela quando viera para Londres trabalhar no banco. Mas Augusta decidira que ele devia casar com Rachel, o que arruinara a amizade. Dantes, discutiam aguerrida e livremente sobre divórcio, religião, pobreza e direito de voto para as mulheres. Desde que Augusta iniciara a sua campanha para os juntar, ficavam de pé a trocar palavras desajeitadas.

— Está encantadora, Miss Bodwin — disse Hugh automaticamente.

— É muito amável — respondeu ela em tom de enfado.

Augusta ia afastar-se quando reparou na gravata de Hugh.

— Céus! — exclamou. — O que é isso? Parece um estalajadeiro!

Hugh ficou escarlate. Se lhe tivesse ocorrido alguma réplica mordaz, teria arriscado atirá-la, mas não se lembrou de nada e limitou-se a resmungar:

— É só uma gravata. É uma *ascot*.

— Amanhã oferece-a ao *bootboy*³ — disse, e afastou-se.

No peito de Hugh inflamou-se a revolta contra o destino que o forçava a morar com aquela tia dominadora.

— As mulheres não devem fazer comentários à roupa de um homem — disse taciturno. — Não é próprio de uma senhora.

Rachel retorquiu:

— Eu acho que as mulheres devem fazer comentários ao que bem lhes interessar, por isso direi que gosto da sua gravata e que condiz com os seus olhos.

Hugh sorriu-lhe, mais bem-disposto. Vendo bem, ela era muito simpática. Não fora, porém, a sua simpatia que levara Augusta a querer casá-los. Rachel era filha de um advogado que se especializara em contratos comerciais. A família não possuía senão o rendimento profissional do pai e, na escala social, encontrava-se vários degraus abaixo dos Pilaster; na verdade, nem estariam pura e simplesmente naquela festa se Mr. Bodwin não tivesse feito trabalho útil para o banco. Rachel era uma jovem de baixa posição e, ao casar com ela, Hugh estaria a confirmar o seu estatuto de minoridade na hierarquia familiar; e era isso que Augusta queria.

Hugh não era completamente avesso à ideia de pedir a mão de Rachel. Augusta insinuara que lhe daria um presente de casamento generoso se casasse segundo a sua vontade. Mas não era o presente que o tentava, era a perspectiva de poder deitar-se todas as noites com uma mulher e levantar-lhe a camisa de noite, revelando-lhe os tornozelos e os joelhos, revelando-lhe as coxas...

— Não olhe assim para mim — disse Rachel contundente. — Só disse que gostava da sua gravata.

³ Criado que tratava do calçado dos senhores das grandes casas nobres; era o grau mais baixo na hierarquia do pessoal doméstico. (NT)

Hugh tornou a corar. Com certeza ela não adivinhava o que lhe passara pelo espírito... Os seus pensamentos sobre raparigas eram tão obscenamente físicos que ele muitas vezes sentia vergonha.

— Desculpe — balbuciou.

— Há tantos Pilaster — disse ela em tom animado, olhando em redor. — Que tal se dá com eles todos?

Hugh também olhou em redor, e viu entrar Florence Stalworthy. Vinha extraordinariamente bonita, com os caracóis louros a tombarem sobre os ombros delicados, um vestido cor-de-rosa guarnecido com fitas de seda e de renda, e plumas de avestruz no chapéu. Avistou Hugh e sorriu-lhe do outro lado da sala.

— Já vi que perdi a sua atenção — disse Rachel com a sua característica sem-cerimónia.

— Peço-lhe imensa desculpa — disse Hugh.

Rachel pôs-lhe a mão no braço.

— Meu caro Hugh, oiça-me um instante. Eu gosto de si. É uma das poucas pessoas da sociedade londrina que não são horrivelmente aborrecidas. Mas não o amo e jamais casarei consigo, por mais ocasiões que a sua tia invente para nos juntar.

Hugh fora apanhado de surpresa.

— Devo dizer que... — começou.

Mas ela não terminara.

— E sei que sente algo de muito parecido a meu respeito, por isso faça o favor de não se fingir destroçado.

Após um momento de perplexidade, Hugh sorriu. Era desta franqueza que gostava nela. Mas achava que ela tinha razão: gostar não era o mesmo que amar. Hugh não sabia muito bem o que era amar, mas ela parecia saber.

— Quer isso dizer que podemos voltar às nossas discussões sobre o sufrágio feminino? — perguntou jovialmente.

— Sim, mas hoje não. Vou conversar com o seu velho colega de escola, o Señor Miranda.

Hugh fez uma careta.

— Micky não sabe escrever «sufrágio», quanto mais dizer-lhe o que significa.

— Mesmo assim, metade das debutantes de Londres desfalece por ele.

— Não consigo imaginar porquê.

— É uma Florence Stalworthy em homem — disse Rachel, e com estas palavras se afastou.

Hugh franziu o sobrolho, pensando nisso. Micky sabia que ele era um parente pobre e tratava-o em consonância, pelo que Hugh tinha dificuldade em ser objetivo a seu respeito. Micky era muito bem-parecido e vestia sempre lindamente. Lembrava-lhe um gato, insinuante e sensual, com o pelo lustroso. Tão grande cuidado com a apresentação não condizia propriamente com o ideal da época e os homens diziam que ele não era muito másculo, mas as mulheres pareciam não se importar com isso.

Hugh seguiu Rachel com o olhar enquanto ela atravessava o salão até onde estava Micky, com o pai, a conversar com a irmã de Edward, Clementine, a tia Madeleine e a jovem tia Beatrice. Micky virou-se então para Rachel e dedicou-lhe toda a atenção, apertando-lhe a mão e dizendo-lhe qualquer coisa que a fez rir. Notou Hugh que ele estava sempre a falar com três ou quatro mulheres.

Apesar de tudo, Hugh não gostava da ideia de que Florence fosse mais ou menos como Micky. Ela era atraente e popular, como ele, mas Micky, pensava Hugh, era um bom patife.

Abriu caminho até junto de Florence, excitado mas nervoso.

— Lady Florence, como vai?

Ela sorriu deslumbrante

— Que casa extraordinária!

— Gosta?

— Não tenho a certeza.

— É o que diz a maioria das pessoas.

Florence riu-se como se ele tivesse feito algum comentário espirituoso, o que o deixou fora de si de contente.

Hugh continuou:

— É muito moderna, sabia? Tem cinco casas de banho! E uma caldeira enorme na cave, que aquece a casa toda através de uns tubos de água quente.